



ETNO-Espeleologia: O ESTUDO DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DOS POVOS E SUAS RELAÇÕES COM AS CAVERNAS

**José Guilherme Aires LIMA *; Heitor Queiroz de MEDEIROS **;
Julio César LINHARES ***; Mylène BERBERT-BORN ******

* - Espeleólogo, Técnico Ambiental do IBAMA. Responsável pelo CECAV em Mato Grosso

** - Historiador, MS em Ciência Ambiental / PROCAM/USP,

Doutorando em Ecologia e Recursos Naturais / PPGERN/UFSCar,

Professor na UNIVAG – Centro Universitário, Colaborador Voluntário do CECAV/MT

*** - Geógrafo, Consultor CECAV-DF

**** - Geóloga, Consultora CECAV-DF

RESUMO

Ao longo dos tempos remotos inúmeros povos se relacionaram com os ambientes das cavernas, ora abrigando, cultuando, ou refugiando no seu interior, deixando seus vestígios, presentes nos recintos como paredes, salões, pisos e na sua memória.

Segundo LINO (2001) em seu trabalho, “Cavernas: O fascinante Brasil subterrâneo”, no item, As Cavernas na Cultura da Humanidade:

“A história humana não pode ser contada sem referir-se às cavernas. A relação entre o homem e estes ambientes é tão ou quase tão antiga quanto sua própria história, uma relação de importância fundamental na própria evolução de conceitos, sensações e sentimentos universais que definem o homem como ser cultural”. (p.17) Diversas etnias têm em sua cosmologia um acervo de relações desses mitos com cavernas existentes em seus territórios imemoriais, sendo estes locais sagrados que guardam parte da memória desses povos e, portanto possuem um significado especial para estes.”

Algumas populações indígenas são exemplo vivo destas manifestações, constituindo um valioso patrimônio cultural brasileiro e, portanto da humanidade, a exemplo dos índios Waurás do Alto Xingu, que tem no mito de Kamukuaká, a origem de seu povo, no rito de perfuração das orelhas, oriundos da caverna Kamukuaká localizada a margem esquerda do Salto do Alegria no rio Tomitatoala ou Batovi.

Os Nhambiquaras na divisa do extremo Oeste de Mato Grosso e Rondônia, e seus diversos sub grupos, alimentam-se de morcegos quando anualmente visitam as cavernas sagradas, para reviver as tradições de seus antepassados. Os Wasusus, sub-grupo Nhambiquara, que vivem na Chapada dos Parecis, convivem com diversas cavernas e grutas sendo as grutas Taihantesu e Alusinkensu consideradas sagradas por ser “a morada dos espíritos”. Os bororos sepultavam seus mortos nas cavernas localizadas nos morros Xibaé-lari (Morro da araracanga (ara-macao)) situado na bacia do rio Pogubo (Rio Vermelho) e Kuogori (Morro da flor da para-tudo situado nas nascentes do rio Jerigi afluente esquerdo do rio Vermelho) na região do curso superior do rio Itiquira e do rio Correntes.

É a partir dessa visão que queremos apresentar e conceituar a etnoespeleologia, entendida aqui como o estudo dos conhecimentos das manifestações culturais da sociedade, a respeito das cavernas. É o estudo das crenças, da adaptação da espécie humana a estes ambientes relacionadas à ecologia e o seu mundo espiritual, mítico e ritual. É o relato, a interpretação do viver, presente nas



ANAIS

XXVII Congresso Brasileiro de Espeleologia

Januária MG, 04-14 de julho de 2003

Sociedade Brasileira de Espeleologia



tradições orais e escritas dos povos que habitavam as cavernas e que chegam hoje até nós através dos relatos orais e histórias destes povos.

No Brasil, na Amazônia e principalmente em Mato Grosso, estes estudos são possíveis ainda, devido à existência de diversos grupos indígenas, que ainda preservam estes saberes nas lendas, crendices, mitos e ritos, no dia a dia, vizinho ao mundo globalizado, informatizado e neurotizado, pelo consumismo e destruição de valores culturais e ambientais.

Em Mato Grosso temos a presença de diversas cavernas e grutas, que são considerados locais sagrados de espiritualidade dos povos que aqui viveram e vivem, sendo espaços significativos de origem, cemitérios espirituais, locais de encontros temporários para oferendas e rituais místicos.

O etnoespeleólogo é o investigador das profundezas, que em busca destes conhecimentos, diante da escuridão dos saberes e livre de conceitos etnocêntricos frente ao saber indígena, encontrará respostas para muitas perguntas ali estampada, basta ouvi-los, colher seus dados e decodificá-los.